

“Quase Super-Homem”

A expressão de poder do MPLA, através da imagem, na luta contra o colonialismo e outros movimentos de libertação de Angola

Kiluanje Liberdade

Estudante de Doutoramento em Estudos Culturais
Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho
kiluanjeliberdade@gmail.com

Este trabalho foi orientado pela
Professora Doutora Rosa Cabecinhas

“A paixão colectiva é a única energia que de que os partidos dispõem para a propaganda exterior e para a pressão exercida sobre a alma de cada membro.”

(WEIL, 2007, p. 61)

Introdução

Na década de 1960, o cinema produzido pelo MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) representava mais que uma promessa de independência para Angola, então ainda uma colónia portuguesa. O cinema anunciava, nacional e internacionalmente, o nascimento de novas nações com identidades culturais próprias e, consequentemente, legítimas para a luta de libertação. Em Angola, apesar de existirem três movimentos de libertação distintos, a cinematografia enfatiza o MPLA, visto que este representa o povo sob o slogan “O MPLA é o Povo e o Povo é o MPLA” (Adolfo Maria, secretário de Agostinho Neto, Primeiro Presidente de Angola, em entrevista, março de 2019).

O presente estudo, parte integrante de um projeto de doutoramento, faz uma breve análise fenomenológica, do processo de corporativização das estruturas sócio-culturais, pelo MPLA, desde 1961, que corresponde ao início da luta de libertação até 2008, ano do primeiro ato eleitoral válido em Angola. O objetivo é iniciar a compreensão da idealização do Povo pelo MPLA e analisar a capacidade de influência

do cinema do MPLA na memória comunicativa. Para tal, recorreu-se a filmes de arquivo e recolhas de depoimentos, junto de personalidades-chave desse período histórico, como Adolfo Maria e Luandino Vieira (escritor, primeiro diretor de programas da Televisão Popular de Angola e do Instituto de Cinema de Angola). Outras personalidades-chave se seguirão. O trabalho apoia-se na combinação de três conceitos – propaganda, imagem e memória comunicativa, no sentido de se perceber as representações da Nação Angolana. Importa deixar aqui breves noções da sua abordagem. Para Jacques Ellul, independentemente da sua base ideológica, a propaganda é um instrumento técnico mobilizador das massas e inevitável no mundo contemporâneo (Ellul, 2014). Por outro lado, Hannah Arendt entende a propaganda como instrumento do totalitarismo para enfrentar e suprimir a realidade não totalitária (Arendt, 2017). Segundo Marie-José Mondzain, a imagem resulta da relação entre dois sujeitos: o que presencia o visível e escolhe o que será visto, e o sujeito espectador, que vê o resultado da escolha. Além do visível, a imagem sustenta-se na produção interna, multi-sensorial da combinação dos signos, própria dos sujeitos dotados do dom da palavra (Mondzain, 2015). Para Gilles Deleuze, a imagem é um sistema de subconjuntos de signos, apresentados em registos visuais e sonoros presentes na sua riqueza (Deleuze, 2016). Segundo Jan Assmann, as memórias comunicativas são variantes da memória coletiva, não institucionalizadas, manifestadas no campo da oralidade e referem-se a um passado relativamente recente, não superior a 100 anos (Assmann, 1995).

Fim e necessidade da propaganda

Em conversa com Adolfo Maria, este sublinha que nos anos de 1960, o MPLA era um movimento bastante frágil, para conseguir alcançar os objetivos pretendidos. Sendo que a conquista da independência era o seu compromisso fundamental, afirma que somente pelo engajamento entre militares, massa popular e disseminação ideológica, poder-se-ia derrubar o colonialismo. Contudo, a segregação cultural e racial entre o povo angolano, tornou-se um dos principais obstáculos para a concretização do mesmo compromisso (Neto & Neto, 2012). Como solução, Lúcio Lara, também fundador e um dos principais dirigentes do MPLA, propôs o

projeto orientador “Um Amplo Movimento”, inspirado em experiências históricas da Revolução Chinesa, da luta do povo argelino e de outras lutas de libertação. A (re)produção cultural foi entendida como um dos pilares fundamentais para a proposta de Lúcio Lara. Assim, o cinema revelou-se um instrumento fundamental desta iniciativa propagandística (Lara, 1997). As imagens davam prioridade à disseminação ideológica no que concerne à educação e à consciencialização revolucionária do povo (MPLA, 1982).

Luandino Vieira (entrevista em outubro de 2020) argumentou que o MPLA idealizou, para as suas primeiras ações, uma estratégia de “Amplo Movimento Nacional” com inspiração no modelo jugoslavo, no qual o cinema se revelou como um instrumento de propaganda medular. Ao contrário de outros movimentos na altura, o MPLA apercebeu-se da grandeza territorial e da enorme diversidade cultural dos povos de Angola, diversidade esta que atendendo às suas diferenças, era equiparada à diversidade cultural dos povos jugoslavos: diferenças linguísticas, religiosas, fisionómicas e sociais. Independente dos baixos valores orçamentais e dos reduzidos meios técnicos envolvidos tanto na Jugoslávia, como em Angola, o cinema desenvolveu-se sob o conceito estético da militância partidária marxista. Ainda segundo Luandino Vieira, não se pode esquecer que o MPLA se pautou pela matriz ideológica marxista proveniente da União Soviética, que na época também forneceu ao Movimento de Libertação todo o apoio militar, técnico e bélico.

A “Narrativa”

Segundo Jacques Ellul, na sua exposição acerca da sub-propaganda (Ellul, 2014, pp. 46-47), uma das grandes urgências para a eficácia da propaganda é a criação de “mitos” e, também, de “reflexos condicionados”. A propaganda implica também uma tomada de “consciência nacional”, a nível social, uma vez que se “envolve / relaciona” com todas as estruturas da sociedade (Ellul, 2014, pp. 7, 13). Neste sentido, é possível interpretar-se todo o comportamento propagandístico do “Movimento Amplo Popular”, onde se destaca a instrumentalização dos meios de (re)produção cultural, com maior atenção para o cinema.

É importante abordar a figura de Ruy Duarte de Carvalho, militante do MPLA e referência primordial do cinema angolano (produzido pelo MPLA), e analisar a relação entre cinema, sociedade e regimes políticos que, aqui, se entende como o assumir da necessidade da instrumentalização dos meios:

Numa situação como a de Angola tornada independente, quem é o actor principal? Seja qual for o regime que assume o poder, num país que consegue afastar a dominação estrangeira, o discurso e a prática institucionais adoptam o conceito de “povo” como referência obrigatória de intenções ou de suporte. É o povo o actor principal de uma realidade que se situa fundamentalmente ao nível do social. (Carvalho, 2008, p. 391)

No mesmo período do cinema de propaganda do MPLA, Ruy Duarte de Carvalho define o perfil dos profissionais do cinema, em Angola, da seguinte forma:

Ele sente-se auto-conduzido à escolha de temas que legitimem o emprego do seu tempo de trabalho, e da sua equipa, numa actividade não directamente e numa conjuntura em que a reabilitação da economia e da organização se impõem a todos como tarefa prioritária. Ele deve dotar-se, através do cinema, de uma capacidade de participação que se inspire sem ambiguidade no movimento de libertação que anima, a todos os níveis, o espírito de qualquer nação que adquire a sua independência política. (Carvalho, 2008, p. 391)

De forma conclusiva, coloca-se a seguinte questão: será que a propaganda e processo de corporativismo tornou o MPLA uma espécie de “Quase Super-Homem”, capaz de influenciar a memória comunicativa Angola?

Bibliografia

- ARENDRT, H. (2017). *As origens do totalitarismo*. Alfragide: Publicações Dom Quixote.
- ASSMANN, J. (1995). *Collective memory and cultural identity*. *New German Critique*, 65, 125-133.
- CARVALHO, R. (2008). *A câmara, a escrita e a coisa dita...* - Fitas, texto e palestras. Lisboa: Ruy Duarte de Carvalho e Edições Cotovia.
- DELEUZE, G. (2016). *A imagem-movimento*, Cinema 1. Lisboa: Sistema Solar.
- ELLUL, J. (2014). *Propagandas, uma análise estrutural*. Lisboa: Antígona Editores.
- LARA, L. (1997) *Um amplo movimento: Itinerário do MPLA através de documentos e anotações*, vol. I, Até Fevereiro de 1961, Luanda: Edição do autor, [2006: vol. II, 1961-1962; 2008: vol. III, 1963-1964].
- MONDZAIN, M-J. (2015). *Homo spectator, ver, fazer ver*. Lisboa: Orfeu Negro.
- MPLA (1982). *Seminário Nacional de Informação*. Luanda: MPLA.
- NETO, M. & Neto, I. (2012)(Eds.). *Agostinho Neto e a libertação de Angola (1949 - 1974)* - Arquivos da PIDE-DGS. Vol. I. Luanda: Fundação Dr. António Agostinho Neto.
- WEIL, S. (2017). *Nota sobre a supressão geral dos partidos políticos*. Lisboa: Antígona.